



REVITALIZAÇÃO DO MUSEU GRUPPELLI

Área temática: Cultura

Diego Lemos Ribeiro (Coordenador da Ação de Extensão)

Diego Lemos Ribeiro¹
Renata Brião de Castro²
Fabiani Garcia Lemos³

Palavras-chave: Museu de Colônia, Musealização, Comunidade.

Resumo:

O Projeto “Revitalização do Museu Gruppelli” é uma atividade extensionista vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas. O Museu Gruppelli, objeto desta comunicação, é localizado na zona rural do Município de Pelotas, sul do Rio Grande do Sul, no que se denomina Colônia Municipal. A região em que o Museu está inserido foi densamente povoada por

¹ Professor Adjunto do Curso de Bacharelado em Museologia, Departamento de Museologia, Conservação e Restauro – UFPel. E-mail: dirmuseologo@yahoo.com.br.

² Discente do Curso de Bacharelado em Museologia, Departamento de Museologia, Conservação e Restauro – UFPel

³ Discente do Curso de Bacharelado em Museologia, Departamento de Museologia, Conservação e Restauro – UFPel

correntes migratórias europeias na segunda metade do século XIX, formadas por imigrantes ingleses, alemães, pomeranos, franceses e italianos. Neste cenário, o Museu Gruppelli foi criado, em 1998, pela iniciativa da população local em preservar os modos de vida da comunidade, por intermédio de fotografias, instrumentos agrícolas, vestimentas e mobiliário, dentre outros artefatos. De forma autônoma, sem o apoio externo da Universidade, o museu permaneceu durante dez anos sem apoio técnico e científico. Em 2008 foi estabelecida uma parceria com a UFPel, subsidiada pelo Curso de Museologia, com o objetivo de incrementar e qualificar as ações museais no sítio. Desde então, o Projeto se insere em uma dinâmica de museu comunitário, em que a equipe – formada majoritariamente por professores e estudantes do Bacharelado em Museologia – busca, em permanente diálogo com moradores da Colônia, identificar, gerir e comunicar os modos de vida da região. O Projeto estruturou-se em algumas frentes de ação prioritárias, dentre elas: a história oral, a qualificação da exposição e a gestão das coleções. Desde então, diversas metas foram atingidas junto à comunidade, como a inserção de suportes expositivos no espaço (nova iluminação, reformulação dos textos explicativos, sonorização, ampliação da exposição, etc.) e a elaboração de exposição temporária, com temas de interesse da comunidade. Perto de completar cinco anos de Projeto, verificamos que ainda há muito a ser conquistado no Museu, exigindo de nós um processo continuado de ação comunitária.

1. CONTEXTO DE AÇÃO

O Museu Grupelli, objeto desta comunicação, está localizado na zona rural do município de Pelotas, sul do Rio Grande do Sul, no que se denomina Colônia Municipal. Por uma iniciativa comunitária, e subsidiada por diversos atores-sociais, o referido Museu tem a sua abertura inicial em outubro de 1998. É importante apontar para o fato que a zona rural da cidade, local onde o Museu se insere, teve uma relevante incidência de imigrantes alemães, italianos, pomeranos e franceses, a partir da segunda metade do século XIX. A vinda desses imigrantes, e sua fixação em colônias rurais, imprimiram elementos fundamentais na paisagem e no cenário cultural da cidade de Pelotas.

Tais núcleos rurais caracterizam-se pela predominância da agricultura familiar, associando-se atividades como suinocultura, avicultura e pomares, sendo introduzidas as culturas de frutas, como o pêssego, base para a economia local por várias décadas. Ademais, as vias de comunicação com a cidade foram fatores de propulsão do surgimento de pequenas comunidades associadas aos estabelecimentos de beira de estrada como comércios e hospedarias (ANJOS, 2000, p.10). É exatamente nessa dinâmica que se fortaleceu no local a família Gruppelli, a partir de 1905.

No cenário ora apresentado inicia-se um processo de coleta e guarda de objetos que, por sua significância para a memória local, almeja-se ser preservado e comunicado. A cultura material salvaguardada tem duas características muito peculiares: a simplicidade e a representação do cotidiano. Fotografias, instrumentos agrícolas, vestimentas e mobiliários, dentre outros artefatos, foram reunidos para fins de preservação dos modos de vida da comunidade.

Após dez anos de existência, do ponto de vista técnico, o museu não avançou em termos de proposta museológica. No ano de 2008 a Universidade Federal de Pelotas, por meio do Curso de Bacharelado em Museologia, recebeu o convite para então estabelecer uma parceria entre o Museu e a Universidade. A partir de então,

iniciou-se o projeto de extensão “Revitalização Museológica do Museu Gruppelli”, que deu partida a diversas ações com vistas a qualificar o espaço museológico, sobretudo no que tange à exposição e à gestão das coleções salvaguardadas no Museu. Ao longo dos anos, foi possível perceber o amadurecimento do Museu enquanto instituição, sem perder a referência com a dinâmica comunitária.

A abordagem do projeto tem como referência o fato social e o olhar do *expertise* museológico que se fez (e faz) presente a cada etapa do projeto de revitalização. No início do trabalho encontramos no museu um modelo obsoleto de exposição e a total ausência de registro documental do acervo. Os objetos neste primeiro momento estavam inseridos em uma atmosfera na qual a materialidade, o design, ou mesmo o curioso ou o raro, eram os principais eixos norteadores da exposição. Se por um lado os componentes materiais e os atributos estéticos estavam sendo valorizados, por outro, todo o potencial informativo e simbólico permanecia esvaziado, notadamente para aqueles que não estavam integrados naquela realidade/território.

Percebendo os objetos como suportes ou fontes de informação (Ferrez, 1994; Menezes 1994), vislumbramos naquele acervo a necessidade de uma operação na qual as memórias latentes que abraçam a materialidade fossem recuperadas, e o caminho seguido foi para evocar as memórias foi o estabelecimento do diálogo com a comunidade. Em todos os momentos dessa intervenção museológica, a comunidade foi convocada a participar e orientar de forma protagonista as ações museológicas.

2. DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Conforme já sinalizado, as propostas iniciais do projeto de extensão circunscreveram o gerenciamento, a preservação, a pesquisa e a exposição do acervo. Do ponto de vista operacional, delineamos um espaço para a reserva técnica; criamos horários de abertura continuada da exposição; iniciamos o inventário do acervo; projetamos e implementamos uma nova exposição de longa duração, organizada em núcleos temáticos (armazém, trabalho rural, produção do vinho, hospedaria, barbearia, dinâmica doméstica, gabinete dentário e esporte); e inserimos novos suportes expositivos (sonorização, nova iluminação do espaço, textos explicativos em “sanduíches de vidro”, ampliação do espaço expositivo, dentre outros). Em termos de pesquisa, iniciamos um processo de entrevista com membros da comunidade, tendo como base a metodologia de história oral.

Diante da concretização das primeiras atividades propostas, redefinimos novas frentes de trabalho e delimitamos frentes de ações futuras, para além daquelas ações continuadas as quais nos referimos anteriormente. A partir dessa reflexão, propomos a criação de exposições temporárias que comporiam os discursos centrais do museu, quais sejam: o cotidiano da colônia e o trabalho, em suas heterogêneas dimensões. Diante de um número significativo de máquinas de costura em reserva técnica, e ao perceber que a profissão de costureira está perdendo força na colônia, focamos no tema da costura como mote da primeira exposição, executada em 2012.

Partimos da lógica que, por meio desta exposição temporária seria possível criar um elo maior com a comunidade ao representar as vozes das costureiras ao discurso do museu. Essa exposição foi pensada a partir de duas premissas fundamentais: o estímulo da memória em torno da costura, atividade esta que vem esmaecendo de forma acelerada na Colônia e cercanias e a busca pela dinamização

das ações do museu, de forma a extroverter ao público os trabalhos e as pesquisas que vêm sendo realizadas ao longo dos anos. A exposição denominada “Costurando a Memória” permanece aberta ao público e expõe ao visitante o hábito da costura na colônia

Para o desenvolvimento deste projeto foi necessário, em um primeiro momento, o mapeamento de costureiras da região e, a partir disso, foram realizadas entrevistas para compreender como as informantes entendem o hábito da costura. Buscou-se, também, a investigação sobre os objetos expostos, a fim de recuperar informações sobre a sua história, de modo a estabelecer uma melhor comunicação entre o público e a temática proposta.

Para incrementar o diálogo com o visitante, foi feito o uso de iconografia, de sonorização de máquinas trabalhando, de objetos autênticos que estavam em reserva técnica, de material de apoio e, nomeadamente, da escuta das falas das costureiras, que foram coletadas, editadas e disponibilizadas ao público. Buscamos com essa variedade de suportes de informação aguçar a reflexão do público sobre esta profissão que vem paulatinamente esmaecendo na colônia.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

No que tange esta última ação, é possível dizer que o principal resultado obtido foi o fortalecimento do elo identitário entre o Museu e a comunidade, na medida em que a escuta de experiências das costureiras locais proveram voz ativa a parte dos membros da comunidade. Em outras palavras, o projeto expositivo foi desenvolvido “com” a comunidade e não “para” a comunidade, desde sua concepção até o processo de montagem.

Deve-se ressaltar que existem resultados que não puderam ser ainda avaliados, pois a exposição ainda esta em andamento; no entanto já podemos perceber uma questão fundamental, pela simples observação: os visitantes que se envolvem com a exposição, permanecem por mais tempo explorando e vivendo o Museu, evocando memórias particulares a partir da interação com a exposição. Por outro lado, identificamos que os visitantes ainda não se sentem à vontade para compartilhar as suas histórias, por meio da utilização de folhas de anotações colocadas ao seu dispor.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o projeto de extensão deva ser dinâmico e continuado. Em linhas gerais, a ação dialogada entre a Universidade e a comunidade vem incrementando a representatividade do Museu na zona rural, ao mesmo tempo em que vem ganhando visibilidade no cenário cultural da cidade. Os relatórios produzidos pela equipe do Museu apontam para uma participação ativa dos atores sociais locais e daqueles que guardam uma memória afetiva com aqueles objetos representados no espaço. Por esta lógica, entendemos que a relação comunicativa empreendida pelo museu foge da premissa do “museu estático”, detentor do conhecimento, no qual o público participa apenas como mero espectador.

Concordamos com a teórica de museus, Marília Cury, quando afirma que:

A continuidade do processo de avaliação é o princípio que garante que os processos se tornarão sistemáticos e permitirão a comparabilidade dos resultados no decorrer do tempo (CURY, 2005, p.129)

Embora não possamos oferecer resultados precisos e concretos das ações museológicas, é possível perceber de forma clara que a comunicação, em especial a temporária, está sendo muito bem aceita pela comunidade e pelos demais visitantes. Almejamos que, pela somatória de iniciativas, o Museu possa ter maior visibilidade e notoriedade, incrementando assim a autoestima da comunidade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, M. H. dos. **Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX**. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2000.

BRUNO, M. C. *Formas de humanidade: concepção e desafios da musealização*. **Cadernos de Sociomuseologia**. Revista Lusófona de Museologia, v. 9, n. 9, 1996. Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia.

CURY, M. X. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

FERREZ, H. D. Documentação museológica: *Teoria para uma boa prática*. In: **Caderno de Ensaio nº 2, Estudos de Museologia**. Rio de Janeiro, Minc/Ipphan, p. 64-73, 1994.

MENEZES, U.T.B. de. *Do teatro da memória ao laboratório da história. A exposição museológica e o conhecimento histórico*. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 2, p. 9-42, 1994.